

U. PORTO

UNIVERSIDADE
DO PORTO



Dia da Universidade do Porto 2009

25 de Março, 9h30, Salão Nobre da Reitoria da U.Porto

A Universidade do Porto assinala o seu 98º aniversário no domingo dia 22 de Março. Mas precisamente por ser domingo, as comemorações só terão lugar na quarta-feira seguinte, dia 25 de Março.

SESSÃO SOLENE

Salão Nobre da Reitoria da Universidade do Porto

9h30: ABERTURA

Professor Doutor José Carlos Marques dos Santos, Reitor da U.Porto

ORADOR CONVIDADO

"Ciência e Sociedade", por Jorge Rocha, Professor Faculdade de Ciências da U.Porto

INTERVENÇÕES

- Carlos Alberto Gomes Monteiro (Carlos Tê), escritor e letrista, em representação dos antigos estudantes da U.Porto

- Inês Matos, coordenadora geral da Secção Autónoma das Associações de Estudantes da U.Porto, em representação dos estudantes

- Isabel Pereira Leite, Faculdade de Letras da U.Porto, em representação dos funcionários não docentes.

PARA UMA NOVA CONSCIÊNCIA

Gostaria de ter a certeza de que não defraudarei as expectativas dos Funcionários da Universidade do Porto durante o “tempo de antena” que me foi concedido, mas talvez não o venha nunca a saber... Embora a opinião do próximo seja sempre, para mim, importante, considero impossível que exista objectividade numa apreciação. Alçada Baptista, citando um amigo, dizia, com muito espírito, que se fosse objecto seria objectivo, como era sujeito, tinha que ser subjectivo. Não sei, pois, de que forma as minhas palavras poderão soar.

O que sei é que represento os Funcionários, ou antes, represento hoje, aqui, os agora ditos trabalhadores com contrato individual de trabalho, entre os quais me incluo. O termo *individual* remete, automaticamente, para a palavra *indivíduo*, o que me permite usar de algum à vontade para pegar na “deixa” e falar da noção que tenho da importância de cada ser humano no contexto colectivo em que se insere.

Houve, naturalmente, um momento na nossa vida em que escolhemos o rumo profissional que hoje é o nosso. As portas da nossa Universidade, que também nos escolheu, abriram-se, então, para nós. A vida, todas as vidas, faz-se de escolhas. Muito melhor do que eu, disse-o Ortega y Gasset, que passo a citar:

“Uma pedra não pode deixar de gravitar, mas o homem pode muito bem não fazer aquilo que tem para fazer. Não é isto curioso? A necessidade é um convite. Haverá coisa mais elegante? O homem é convidado a prestar a sua anuência ao necessário. A pedra diria – que sorte a daquele: eu não tenho outro remédio senão cumprir inexoravelmente a minha lei: tenho que cair, cair sempre: o que o homem tem que fazer, ou tem que ser, não lhe é imposto, mas proposto. A pedra, todavia, não deixa de ser ignorante. É que esse privilégio do homem é tremendo, pois em todos os instantes da sua vida, o homem, perante várias possibilidades de fazer e de ser, exerce a responsabilidade exclusiva de escolher.”

Responsáveis pela escolha feita, continuamos a deter a liberdade de proceder de acordo com o nosso próprio juízo. É mesmo por isso que é, em primeiro lugar, com a nossa consciência que devemos dialogar.

Assim sendo, que importância pode cada um de nós ter neste universo de disparidades, nesta Casa em que continuamente nos cruzamos uns com os outros - conhecidos ou desconhecidos – nesta Universidade que procura, que pede o melhor, que quer ser e ter sempre mais? A resposta é, em meu entender, muito clara.

A importância do contributo de cada um é determinante, porque a CULTURA DA RESPONSABILIDADE da qual, com mais facilidade do que seria desejável, parecemos, por vezes, alheados, não pode deixar de ser a nossa. Não pode, de todo, porque em cada momento da nossa vida somos chamados a exercer o nosso livre arbítrio conscientemente. Somos chamados a responder por pensarmos bem ou mal,

pelas boas ou más palavras que pronunciamos, pelos actos que praticamos, mas muitíssimas vezes, bem mais do que imaginamos, é pela omissão, pelo que não fazemos e devíamos fazer, que surpreendemos a nossa condição de seres humanos responsáveis. Não duvido, nunca duvidei da dificuldade que o poder escolher acrescenta à nossa vida. Cinjamo-nos ao contexto do nosso espaço de trabalho e somemos as horas que passamos a trabalhar naquela que é a nossa Universidade.

Pela minha parte, já me sinto uma espécie de veterana – por cá ando desde 1977, há quase 32 anos, 5 dos quais como estudante, e, ao que tudo indica, por cá permanecerei por mais 15, pedindo a todos os Santinhos que não deixem esticar mais a corda... Não é este o momento, nem é este o lugar para brincar com coisas sérias, mas se o rumo continuar a ser o que se prevê, não posso deixar de pensar que as instituições acabarão por se transformar em novos parques jurássicos, atendendo à média de idades de quem nelas for permanecendo.

Também posso afiançar que a ligeireza com que o tempo de estudante passou não se compara com a postura que, forçosamente, passei a adoptar quando tomei posse, num já longínquo mês de Setembro, como Técnica Superior de Bibliotecas e Documentação do quadro da Faculdade de Letras. Confesso que tenho a sorte de fazer o que gosto, num lugar onde gosto de estar. Trabalho com e entre livros, e, sobre eles, muito gostaria de falar. Grande é a tentação, porém, apenas direi que sendo eles pessoas que falam em aparente silêncio, conseguem conter em si o mundo inteiro. Sem livros, o mundo não era nada! São eles, também, que nos ajudam a cultivar uma abertura de espírito salutar que nos leva a estar melhor na vida.

Saudades do meu tempo de estudante? Naturalmente! Aqui, como em Coimbra, onde a canção as eternizou, sinto-as de vez em quando, mas aprendi a considerar um privilégio permanecer dentro daquela que considero a minha segunda casa – a que me dá o trabalho e o pão de cada dia, vitais, mesmo imprescindíveis no que à nossa sobrevivência diz respeito.

Ora, não nos deverá isto tornar mais conscientes, ainda, da importância do nosso papel? Cada função se reveste da sua especificidade, mas o grau de responsabilidade com que deve ser exercida tem de ser sempre elevado. Naturalmente, em domínios estruturados como são aqueles em que nos integramos, as hierarquias assumem responsabilidades em níveis diversos. Não é a estas que me refiro, mas sim à cada vez mais premente necessidade de que cada um sinta como imperativo de consciência responder pelos seus actos.

É que, já o disse e repito, o projecto da Universidade do Porto é um projecto de todos nós, é um projecto comum do qual escolhemos fazer parte. Para perceber e assumir isso devemos lembrar-nos de que temos um passado, um presente e um futuro que nos diz respeito. Há uma herança de que tomámos conta, um presente digno do nosso orgulho, por muitas que sejam as vicissitudes atravessadas - “Grande nau, grande tormenta”, diz o povo - e há um futuro que depende de um vasto conjunto de pessoas, de vontades, de pensares diferentes.

Creio que foi Benjamin Franklin que disse que o dia de hoje é aluno do dia de ontem. É minha convicção que, para além de isto ser verdade, também é aos outros que por cá

passaram antes de nós que quase tudo devemos. Hoje, como amanhã, isto será sempre incontornável.

É Torga quem diz:

“Se parasse no caminho,
Também parava a vela do moinho
Que mói depois o pão de toda a gente”

Falar em pensares, transporta-me, não raro, à lembrança de um Professor da Faculdade de Letras que tenho a honra de poder contar entre os meus amigos e que, infelizmente para quem aprecia a sempre revigorante conversa que se desenvolve como se o tempo não existisse, já se aposentou, um professor, dizia eu, que me fez entender melhor o mundo à nossa volta, explicando-me que há, seguramente, muito mais bem do que mal, embora as aparências iludam essa verdade. E isto porquê? Porque enquanto o mal tendencialmente se organiza e se mostra, o bem é caótico na evidência e tem dificuldade em organizar-se. Se houvesse muito mais mal do que bem, já o mundo tinha deixado de existir.

Não pretendo aborrecer ninguém, nem quero tornar esta minha intervenção pretensiosa, mas creio haver ocasiões que não devem ser desperdiçadas, porque se há “coisa” que, no meu humilíssimo entender faz falta, é a Filosofia. Espero, pois, que compreendam por que falo dela.

A Filosofia, a tal “coisa” da qual por vezes suspeito de que nos querem alheados e distantes, é, não obstante, o que nos leva ao entendimento do que nos rodeia; é, ao fim e ao cabo, o que faz avançar o mundo. É quando filosofamos que “o mundo pula e avança, como bola colorida entre as mãos de uma criança.”

À “Pedra Filosofal” de Gedeão, poderíamos associar, por exemplo, o diálogo entre Sócrates, o filósofo, e Glauco, n’ “A República” de Platão. Através de Sócrates, vai Platão dizendo “que no mundo inteligível, a ideia do bem é a última a ser apreendida, e com dificuldade, mas não se pode apreendê-la sem concluir que ela é a causa de tudo o que de recto e belo existe em todas as coisas; no mundo visível, ela engendrou a luz; no mundo inteligível, é ela que é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e é preciso vê-la para se comportar com sabedoria na vida particular e na vida pública”.

O conhecimento filosófico e a educação são, assim, segundo Platão, que usa uma metáfora – a célebre Alegoria da Caverna – a forma de superar a ignorância, porque, muito bem o diz Gedeão, em “Tudo é Foi”, o mundo não pára:

“Fecho os olhos por instantes.
Abro os olhos novamente.
Neste abrir e fechar de olhos
Já todo o mundo é diferente.

Já outro ar me rodeia;
Outros lábios o respiram;
outros aléns se tingiram
de outro Sol que os incendeia.

Outras árvores se floriram;
Outro vento as despenteia;
Outras ondas invadiram
Outros recantos de areia.”

As gerações sucedem-se e vão passando o testemunho. Que testemunho queremos nós que seja o nosso? Que Universidade queremos nós ajudar a construir? E digo construir porque a entendo como um projecto em construção permanente. Queixamo-nos, zangamo-nos, desiludimo-nos, barafustamos? Com certeza! Muito mau sinal seria se o não fizéssemos. É parte natural do processo de crescimento:

“Aprendo a conhecer o meu tamanho
Pela maneira como perco ou ganho”

Torga, de novo.

Sendo ponto assente que todos queremos ganhar, como devemos, pois, proceder?
Aceitemo-nos uns aos outros; criemos laços entre nós, laços que saibamos fazer perdurar; trabalhemos; pensemos em conquistas e não em derrotas; não enfrentemos as adversidades de braços caídos; sejamos realistas, sem perder a capacidade de sonhar. Entre o dizer e o fazer, sei que há algo de permeio. Aqui, atrevo-me a chamar Sebastião da Gama:

“Pelo sonho é que vamos,
Comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não frutos,
Pelo sonho é que vamos.

Basta a fé no que temos.
Basta a esperança naquilo
Que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e ao que é do dia-a-dia.
Chegamos? Não chegamos?
- Partimos. Vamos. Somos.”

Sim, pelo sonho é que vamos, mas pelo sonho feito de vontade, de arrojo, temperado pela convicção de que podemos tornar possível o que antes nos parecia impossível, na certeza de que nada, nada se constrói sem esforço e sem “filosofar”.

E por que não juntar-lhes o gosto, o orgulho, o privilégio de fazer parte de uma instituição marcante, prestigiada, reconhecida nacional e internacionalmente – nem mais, nem menos do que a maior e melhor Universidade do país?

Afinal, repito, o que nos traz hoje aqui é um propósito colectivo e aglutinador de diversíssimas competências, de múltiplos perfis, uma convergência forte capaz de uma autêntica transversalidade e de uma interculturalidade indesmentíveis.

O percurso de cada um de nós deverá corresponder, à luz dos insondáveis desígnios da Criação, a uma missão única e determinante. Por mais alheados que nos sintamos dessa missão, a verdade é que cada um, como pessoa, é único e insubstituível. As funções que desempenhamos podem sê-lo por este ou por aquele. Provavelmente, se o forem, serão desempenhadas de forma diferente ou desigual – bem sabemos que não há duas pessoas iguais. A riqueza do mundo assenta precisamente nisso, no facto de não haver duas pessoas iguais.

E lá vem mais poesia. Gedeão, na sua “Impressão Digital”, di-lo tão bem, que merece, de novo, ser lembrado:

“Os meus olhos são uns olhos,
e é com esses olhos uns
que eu vejo no mundo escolhos
onde outros, com outros olhos,
não vêem escolhos nenhuns.

Quem diz escolhos diz flores.
De tudo o mesmo se diz.
Onde uns vêem luto e dores
Uns outros descobrem cores
Do mais formoso matiz.

Nas ruas ou nas estradas
onde passa tanta gente,
uns vêem pedras pisadas,
mas outros, gnomos e fadas
num halo resplandecente.

Inútil seguir vizinhos,
querer ser depois ou ser antes.
Cada um é seus caminhos.
Onde Sancho vê moinhos
D. Quixote vê gigantes.

Vê moinhos? São moinhos.
Vê gigantes? São gigantes.”

Hoje, aqui, numa altura das nossas vidas em que, acredito, desejaríamos ver o futuro com mais clareza, o que é esperado de nós? Se nos foi dado viver neste tempo e neste lugar, e se acreditarmos que nada acontece por acaso, creio que de nós não são esperadas atitudes heróicas, nem nada que salte para as primeiras páginas dos jornais ou seja falado nos noticiários em prime-time na televisão. Não, nada disso.

Pela minha parte, quero confessar que, em primeiro lugar me sinto grata por poder trabalhar e ter quem me queira a fazê-lo. Bem sei que tenho condições que me atrevo a

considerar “invejáveis”, perdoem-me a imodéstia, mas também sei que todos, de uma maneira ou de outra, usando a imaginação e a determinação, temos poder para transformar o que poderá parecer adverso em algo de positivo. Somos nós que temos que nos adaptar ao mundo. Não podemos esperar que o mundo se nos adapte.

Qualquer pessoa tem expectativas, dúvidas, inquietações, não raro mesmo receios, por vezes fundados, que vai gerindo ao longo da vida. Quem pensa, à partida, que o seu futuro depende unicamente de terceiros, labora, a meu ver, num enorme equívoco. Seria insensato menosprezar certos factos, é verdade – somos avaliados, estamos sujeitos a regras e critérios que nos podem deixar em situações confrangedoras, quiçá injustas, mas temos como nos afirmar: a nossa idoneidade, a nossa competência, o nosso profissionalismo, estes são os nossos trunfos.

Por si só, já esta manifestação deveria constituir motivo de júbilo, por ser cada vez mais difícil poder usufruir de emprego. Assim sendo, e porque há quem muito melhor do que eu o diga, assentam, outra vez como uma luva, estas palavras de Torga:

“O renome é o salário do triunfo.
O que é preciso, pois, é triunfar.
Nunca meia viagem consentida!
Nunca meia medida
Do vinho que nos há-de embriagar!”

E, nova estrofe, noutra poema:

“Recomeça...
Se puderes,
Sem angústia e sem pressa,
E os passos que deres,
Nesse caminho duro do futuro,
Dá-os em liberdade.
Enquanto não alcances
Não descanses
De nenhum fruto queiras só metade.”

A vida não é um “mar de rosas”, ah, pois não, não! A qual de nós foi feita essa promessa? Diga-se, de passagem, que também não nos ocorreu perguntá-lo quando viemos ao mundo.

Os ventos não sopram de feição, bem sei – mais uma razão para nos unirmos e os enfrentarmos. Não me parece que sejam necessárias grandes considerações metafísicas para concluir que semeamos o que haveremos de colher ou o que outros colherão um dia. Não existem momentos ideais para soluções ideais. Afirmar que o fruto será excelente antes de plantar a árvore, é como avançar com a cura, antes da doença se declarar. Não faz sentido. Conhecer o futuro, defini-lo com garantias, é algo que nos transcende.

O que é que nos resta, pois? Uma certeza, e essa sim, uma certeza de ontem, de hoje e de sempre: que por mais insignificantes que julguemos ser ou possamos parecer, é à

incomensurável importância da semente que cada um lança à terra que se deve o êxito da colheita.

A nossa Universidade precisa de semeadores entusiastas, interessados, corajosos, unidos em torno de um ideal. Senhor Reitor, nós também estamos aqui para isso!

Volto ao princípio e ao termo que até muito recentemente nos foi aplicado – *Funcionários*. Que significado tem a designação funcionário público, por exemplo, no Dicionário da Academia? O funcionário público é um agente administrativo que está relacionado com a administração central e se encontra sujeito a um regime jurídico especial; sinónimo de burocrata, manga de alpaca, acrescenta, ainda, a mesma fonte.

Ora muito bem! Se o mais conceituado Dicionário deste século entende que somos isto, verguemo-nos ao peso da sapiência.

Acontece, Senhor Reitor, que para além de sermos isto, podemos ser muito mais. Sabemos que somos importantes no seio desta Universidade. Sabemos que somos fundamentais e peças-chave imprescindíveis, porque esta grande Escola precisa de nós, como precisa de todos aqueles que vestem as suas cores e têm vindo a partilhar quotidianos, ao longo de décadas e décadas, unidos por uma causa: Servir! Servir a Instituição a que pertencem.

Servir, ainda segundo o Dicionário da Academia, significa desempenhar determinada tarefa ou funções, trabalhando para uma pessoa ou instituição. Creio ser este o termo que, na realidade, nos une, seja a que corpo for que pertençamos.

Servir! Servir bem é, assim, o que se espera de nós e o que aqui pretendemos deixar claro em absoluto! Queremos servir e queremos ser ouvidos. É que esta, Senhor Reitor, volto a afirmar, é, também, a nossa vontade!

Para terminar em beleza, deixem-me concluir, de novo, com Torga e com a “Canção do Semeador”:

“Na terra negra da vida,
Pousio do desespero, é que o poeta semeia
Poemas de confiança.
O poeta é uma criança que devaneia.

Mas todo o semeador
Semeia contra o presente.
Semeia como vidente
A seara do futuro,
Sem saber se o chão é duro
E lhe recebe a semente.”

Isabel Pereira Leite
Porto e UP, 25 de Março de 2009

Discurso proferido a convite do Reitor da UP, em representação dos Funcionários da Universidade, no Dia da Universidade do Porto, durante a sessão solene que teve lugar no Salão Nobre da Reitoria da UP.